

N.

Mondlane:

31/1/89

um humilde testemunho

A figura de Eduardo Chivambo Mondlane foi uma espécie de íman que magnetizou os moçambicanos. Uma das coisas mais interessantes é averiguar onde cada um ouviu falar de Mondlane, como lhe foi apresentada a sua história e quem lhe falou desse grande homem, construtor da unidade nacional.

Eu gostaria de dar o meu testemunho sobre isso, respondendo às três questões. E que o leitor me perdoe mas terei de falar de uma pessoa que me foi bastante cara em termos de educação e informação sobre o mundo: o meu pai.

Foi em 1959, andava eu então na 4.ª classe e às voitas com os preparativos para o Exame de Admissão aos Liceus. O meu pai, naturalmente, acompanhava com atenção e apreensão a minha aplicação aos estudos. Numa certa tarde de Verão, uma dessas tardes cheias de magia como só se pode ver no Chókwè (que nesses tempos era designado por aldeia do Guijá) ele veio sentar-se junto à mesa onde eu estudava e perguntou-me se eu sabia que havia um doutor preto. Olhei para ele incrédulo e disse-lhe que não, nunca tinha ouvido dizer tal coisa.

Então começou a contar-me a história de Mondlane destacando a sua grande inteligência, as perseguições de que tinha sido alvo concluindo depois que «ele está agora na América».

Fiquei deslumbrado mas mais deslumbrado me achei quando ouvi essa da América. Preto e doutor, vá que não vá, mas na América já era demais. E o mistério adensou-se quando o meu pai depois me pediu para não falar de Mondlane com ninguém.

Que coisa estranha! Então se era uma coisa boa porque teria eu de guardar segredo? Não entendi, assim como não entendia porque o meu pai nos dissera, a mim e à minha irmã, para não dizermos na escola oficial onde andávamos que a nossa igreja era a protestante (Presbiteriana) repetindo constantemente que devíamos dizer que éramos católicos. Mas um miúdo já a entrar para a adolescência gosta de ter segredo sobretudo se esse segredo lhe angaria a confiança do pai. E assim cumpri:

Devido à minha curiosidade, voltámos a falar algumas vezes mais de Eduardo Mondlane, mas eu já era adulto e tinha entrado e saído da cadeia da Machava quando Francisco Magaia, meu pai, finalmente se decidiu a revelar que, afinal, o bom conhecimento que tinha de Eduardo Mondlane provinha do simples facto de terem sido colegas.

Antes de falecer ele redigiu umas curtas memórias sobre a sua vida e nelas faz referência ao seu contacto com aquele que viria a ser o primeiro Presidente da Frente de Libertação de Moçambique. Nessas memórias ressalta claramente que Eduardo Mondlane foi produto, em primeiro lugar, dos missionários suíços. Passo a transcrever as memórias do meu pai chamando a atenção para as referências que fez de Mondlane.

Lá para 1937 F. Magaia sai da missão de Ricatla onde estivera a estudar graças à atenção do director da escola missionária, Daniel Jaquett. Vem para Lourenço Marques a fim de continuar os estudos porque, no seu dizer, os suíços queriam fazer dele professor.

Em Lourenço Marques ficou hospedado na casa de um médico suíço, na missão do Covo, chamado Perier Gentil. E escreve:

«Foi onde nos conhecemos com o nosso amigo Eduardo Chivambo Mondlane porque ele estava no mesmo ano a viver em casa do director das Escolas da Missão Suíça, Daniel André Clerc. Frequentámos juntos a 3.ª classe elementar e no fim do ano, aprovámos todos com distinção. Ele, como era mais aplicado do que nós, foi enviado para o colégio de Ricatla para ir continuar a sua 4.ª classe. Eu continuei no Covo (...)»

Depois diz que em 1938, Eduardo Mondlane veio de Ricatla e juntos fizeram o exame da 4.ª classe. E prossegue:

«Mas os suíços estavam preocupados conosco, eu e o Mondlane, o que fazemos destes dois rapazes?! (...) Eu ensinava durante o dia na escola rudimentar e depois passei a ensinar no colégio a 3.ª classe elementar aos recém-admitidos no colégio.

Quanto ao meu amigo Mondlane, foi enviado, pela sorte dele, para a Missão Metodista de Cambine para ir aprender a Agricultura (...) para vir ensinar na nossa missão. Ele aprendeu também o inglês, língua que veio a abraçar com alma e nela sobressaiu a ponto de desviar o caminho da Agricultura porque viram no Mondlane um intelectual que em dois anos conseguiu tirar o «Standard 4». Daí nasceu a ideia de ser protegido. A Missão Suíça fez tudo por tudo para que Mondlane fosse para a África do Sul continuar com os estudos como um Moçambique era verdade ao indígena o ingresso nos liceus. Fizeram todo o esforço para que Mondlane fosse assimilado a fim de conseguir passaporte para o Rând. E assim o Mondlane começou a voar, a voar cada vez mais e mais, ultrapassando todas as barreiras. Foi preso e retornado para Moçambique já no 3.º ano da Universidade de Westerland. Mas Mondlane foi até Portugal e de lá para a América do Norte onde sempre sobressaiu com notas estupendas. Assim ficou Dr. Chivambo Mondlane (...)»

É este o pobre testemunho pela mão do meu pai que queria compartilhar com o leitor. Quando escreveu aquelas linhas ele nunca pensou em vê-las publicadas pois que as fez para leituras dos seus filhos. Mas vinte anos de morte de Eduardo Mondlane merecem que contrariemos, zo de leve, a vontade de quem também já está morto.

Paz à memória, de ambos.